

ESTRANHOS ESTRANGEIROS: O TRÂNSITO IDENTITÁRIO EM *BERKELEY EM BELLAGIO*, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Marcos de Jesus Oliveira*

Resumo: Este ensaio analisa o trânsito identitário experienciado por alguns personagens de *Berkeley em Bellagio*, de João Gilberto Noll. Dito de maneira mais precisa, trata-se de discutir o modo de inserção do sujeito no mundo pós-moderno e a composição de sua mundivisão como possíveis identificadores de tensões de nossa época a partir da narrativa do escritor brasileiro, destacando as formas de sociabilidade e de subjetividade abertas pela suposta fragmentação pós-moderna.

Palavras-chave: João Gilberto Noll. *Berkeley em Bellagio*. Identidade.

■ **A** condição de estrangeiro que, segundo Homi Bhabha (2003), se dissemina e se massifica por meio das figuras de migrantes, colonizados, refugiados políticos etc. vem se tornando um tema bastante recorrente na literatura contemporânea. Entretanto, a condição de estrangeiro, tal como aparece em *Berkeley em Bellagio*, de João Gilberto Noll (2002), remete não apenas à figura do estrangeiro no sentido dado por Bhabha, isto é, à figura de migrantes, colonizados ou refugiados, mas também, e sobretudo, a certo modo de experienciar e sentir a realidade. Trata-se de um estilo, um modo de ser e de estar no mundo, no qual se ensaiam novas modalidades de relacionamento com o outro e consigo mesmo. Por isso, a discussão que se segue tem por objetivo aprofundar a noção de estrangeiro (DERRIDA, 2003; KRISTEVA, 1988), cuja ressignificação, nos debates contemporâneos, busca evitar as hierarquias de opressão estabelecidas e legitimadas pelo “sonho de pureza” da modernidade (BAUMAN, 1999). Conforme espero indicar, o conceito de estrangeiro nos habilita a pensar as tensões e as possibilidades abertas pela pós-modernidade, de maneira a aguçar nossa percepção para a complexidade das formas atuais

* Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) – Foz do Iguaçu – PR – Brasil. E-mail: oliveiramark@yahoo.com.br

de subjetivação e/ou para os modos de sociabilidade decorrentes da suposta fragmentação pós-moderna.

O romance escolhido para a presente análise, originalmente publicado em 2002, tem um enredo razoavelmente simples: João, narrador-protagonista, é um escritor brasileiro que se aproxima dos 60 anos e que, como professor visitante da Universidade de Berkeley, na Califórnia, recebe um convite de uma fundação americana para elaborar um romance numa residência de escritores em Bellagio, na Itália. Não obstante, a aparente simplicidade oculta uma narrativa, da qual João, ora narrando sua própria história em primeira pessoa, ora em terceira, é um personagem cuja subjetividade está em constante deriva. Trata-se de um personagem desterritorializado sexual, geográfica e temporalmente. Sua desterritorialização temporal aparece, de forma bastante evidente, ao regressar a Porto Alegre após passar algum tempo na Califórnia e em Bellagio; embora a narrativa dê ao leitor a sensação de linearidade temporal e de que ela está sendo escrita no momento em que os fatos estão ocorrendo:

Passou-se bem mais tempo do que eu contava. Eu já nem lembrava. Fui para ficar um ano, sei lá, dois, o certo é que fiquei o tempo necessário para que Léo se envolvesse com a norueguesa e com ela procriasse: a menina hoje deve estar com quatro, cinco anos [...] (NOLL, 2002, p. 86).

Em relação ao espaço, a desterritorialização está bem descrita, sobretudo, em sua condição de estrangeiro, dimensão que também recorta toda a obra:

Esse homem caminhava pelo campus da Universidade, sim, em Berkeley, naquela Califórnia gelada muito embora ensolarada –, e, por um segundo, como quem acorda, lhe ascendeu a dúvida se estava ali chegando do Brasil, ou, ao contrário, se já estava voltando ao Sul do planeta, pra aquela falta de trabalho ou de aceno de qualquer coisa que lhe restituísse a prática do convívio seguro em volta de uma refeição, sob um endereço seguro – “ah esse país, esse país, deixa pra lá, deixa pra lá que agora eu vou mijar, ruminou na sua entonação secreta, aquela sim que nunca soubera levar aos lábios por timidez ou covardia... (NOLL, 2002, p. 10).

A condição de estrangeiro experienciada por João também está presente em suas tentativas de autolocalização no tempo e/ou no espaço, deixando entrever aí uma consciência muito mais fenomenológica do que cartesiana:

[...] quem era mesmo esse homem nascido em abril em Porto Alegre, no hospital Beneficência Portuguesa, às seis horas da manhã, criado no bairro Floresta, sem poder imaginar que um dia estaria aqui nesse castelo, ao norte da Itália, perto de Milão, na chamada – jocosamente ou com sarcasmo – “Catedral” americana; quem era esse homem que já se cansava da noite tão cedo, louco pra dormir, sonhar, regenerar-se para ao longo do dia seguinte cair no mesmo enfado [...] (NOLL, 2002, p. 27).

[...] só não lembro a data em que cheguei, quando retornarei a Porto Alegre, para as águas barrentas do Guaíba, para as minhas caminhadas a partir da Usina do Gasômetro até a Praça da Matriz [...] (NOLL, 2002, p. 59).

A desterritorialização sexual, que, por sua vez, também perpassa a narrativa desde o início, pode ser vista na recusa em estabelecer papéis sexuais bem definidos ou uma identidade sexual fixa, coerente ou unitária. Ao mencionar, por

exemplo, que era “Léo, o homem a quem costumava chamar de namorado mas que lhe era bem mais, um parceiro de cuja ardência ainda lhe vinham certos laivos” (NOLL, 2002, p. 9) e, mais adiante, que Maria foi “a moça brasileira que conhecera logo que chegara à Califórnia” (NOLL, 2002, p. 14), o protagonista torna as noções de masculino e de feminino bem mais complexas do que parecem à primeira vista. Isso porque, embora João se relacione sexualmente com pessoas do mesmo sexo que o seu, ele não se autorreferencia como homossexual, ou mesmo como bissexual no caso de seu encontro com Maria. João parece consciente de que reivindicar para si o termo homossexualidade é uma forma de legitimar a heterossexualidade, já que, como o vértice de um par binário, essa última não pode existir sem a primeira¹. Em outras palavras, há uma crítica à binaridade dos sexos em favor da emergência de um amplo espectro de possibilidades no processo de constituição das identidades de gêneros.

Assim, esse “*sujet en procès*”, no dizer de Julia Kristeva (1974), não se apresenta como uma unidade, mas como movimento, cuja direção ameaça as ideologias e verdades oficiais. Por isso, a ênfase recai sobre a experimentação corporal, movida pelo desejo de extrapolar os limites das práticas sexuais convencionais e, a partir disso, criar novas formas de comunicação e de encontro com o outro:

Ela o masturbava sem avidez. Ele enfiava o dedo primeiro com suavidade pela vagina dela e encontrava lá no fundo um pênis em miniatura; quando chegava ali, a coisa já o esperava, em riste, e nela ele mexia como num pênis sem glândula ou prepúcio, pura umidade que a promessa de seus dedos tinha o dom de excitar. Naquele ponto ocluso se banquetavam, até que o seu próprio pau monstruosamente maior viesse a toda e entornasse o leite pelas coxas dela. Aliás, ele nunca conseguiu (nem procurou, por certo) uma única informação sobre essa peça íntima do corpo feminino que bem longe estava do clitóris. Só Maria a possuía? Seria um quisto provedor de benefícios sem conta, o pau feminino primevo, simétrico aos mamilos masculinos que tanto prazer de carícias poderiam dar a alguns homens? (NOLL, 2002, p. 15).

Valendo-se do mesmo raciocínio que Judith Butler (2002) utiliza, ao levantar a hipótese de que uma mulher pode encontrar o remanescente fantasmático de seu pai em outra mulher ou substituir seu desejo de sua mãe em um homem, para questionar os limites das categorias homo/hetero/bi, poderíamos nos indagar em qual dessas categorias o encontro sexual de João e Maria estaria inscrito. No exemplo citado por Butler, a mulher que encontra o remanescente fantasmático de seu pai em outra mulher é heterossexual, homossexual ou bissexual? De maneira semelhante, em virtude do modo como o encontro é descrito, que tipo de gozo/prazer sexual é esse, no qual João encontra lá no fundo da vagina de Maria um pênis em miniatura? A narrativa parece indicar que a anatomia não é um referente estável, mas dependente de um esquema imaginário². Por isso, parecem-me oportunas as palavras de Butler (2003, p. 108), sobretudo, quando a autora afirma que

1 “Para que o modelo da homossexualidade permaneça intacto como forma social distinta, ele exige uma concepção inteligível da homossexualidade e também a proibição dessa concepção, tornando-a culturalmente inteligível”. [É por isso que] “na psicanálise, a bissexualidade e a homossexualidade são consideradas predisposições libidinais primárias, e a heterossexualidade é uma construção laboriosa que se baseia no seu recalçamento gradual” (BUTLER, 2003, p. 116).

2 Uso o termo imaginário na acepção dada por Lacan (1990), quer dizer, sob tal categoria situo os fenômenos ligados à preponderância da imagem, da “ilusão”, da fascinação. A sexualidade é tributária desse registro, já que, conforme, aponta Laplanche e Pontalis (1992, p. 233), o imaginário é um dos três registros (imaginário, real e simbólico) essenciais no campo da psicanálise.

Desde sempre um signo cultural, o corpo estabelece limites para os significados imaginários que ocasiona, mas nunca está livre de uma construção imaginária. O corpo fantasiado jamais poderá ser compreendido em relação ao corpo real; ele só pode ser compreendido em relação a uma outra fantasia culturalmente instituída, a qual postula o lugar do “literal” e do “real”. Os limites do “real” são produzidos no campo da heterossexualização naturalizada dos corpos, em que os fatos físicos servem como causas e os desejos refletem os efeitos inexoráveis dessa fisicalidade.

Em outras palavras, o inconsciente e o desejo têm suas próprias regras, ou seja, aquilo que, do ponto de vista social, é considerado como feminino na cultura não é, do ponto de vista do inconsciente ou do desejo, prerrogativa da anatomia feminina ou vice-versa, estando, por isso, aberto a qualquer sujeito, independentemente de seu predicado físico. É isso que se observa no trecho a seguir quando, a respeito de seu encontro com Maria, o protagonista revela que

Ele [João] não queria lembrar, queria tão-só estar nos bosques de Berkeley diante da brasileira que o fez pela primeira vez vibrar como uma fêmea na cama eternamente redemoinhada de cobertores, travesseiros, lençóis... Mais uma vez perguntava-se a si mesmo se voltando a seu país teria teto, emprego, as famigeradas refeições ou aquela mulher para acompanhá-lo na desdita (NOLL, 2002, p. 19).

Parece existir uma recusa por parte de João em construir uma identidade sexual, quer calcada na anatomia, quer em qualquer outro suposto referente estável, o que nos permite entrever certa tendência pós-identitária no romance de Noll. A recusa do protagonista em construir uma identidade sexual se contrapõe à heterossexualidade compulsória, rompendo com a coerência sexo/gênero/desejo por ela pressuposta. Por isso, a ênfase recai sobre o “uso dos prazeres”, para retomar a expressão foucaultiana. Ou, para colocar em termos psicanalíticos, sendo o sujeito “fundado na pulsão enquanto força, [esse sujeito] é marcado por exigências éticas e estéticas” (BIRMAN, 1996, p. 34). E nisso reside a condição de estrangeiro, tendo em vista que aqui o termo é entendido como a atitude que relativiza, que desmascara a pretensa universalidade dos discursos dominantes, expondo suas ambivalências e antinomias. É da experiência de estranhamento que podemos repensar o nosso próprio ponto de vista, percebendo-o como uma perspectiva regional. Se não nos reconhecemos como estrangeiros para nós mesmos, como podemos viver com os outros, sem rejeitá-los ou sem absorvê-lo? – pergunta Julia Kristeva (1988, p. 269). Por isso, vale a pena reproduzir as palavras da psicanalista francesa, sobretudo, quando afirma:

Figura de ódio e do outro, o estrangeiro não é a vítima romântica de nossa preguiça familiar, nem o intruso responsável por todos os males da cidade. Nem a revelação em andamento, nem o adversário imediato a ser eliminado para pacificar nosso grupo. Estranhamente, o estrangeiro nos habita: ele é a face escondida de nossa identidade, o espaço que arruína nossa permanência, o tempo onde se deteriora a compreensão e a simpatia (KRISTEVA, 1988, p. 9, tradução nossa).

O estrangeiro não é nem uma raça, nem uma nação. Ele está dentro de nós, é parte integrante da unidade presumida dos homens, insinuando-se na inquietude da própria razão, nos restos de imagos, lapsos, atos falhos, sonhos,

esquecimentos, devaneios etc. Por isso, a condição de estrangeiro vivida pelo protagonista traz à tona sua capacidade de inventar formas de linguagem para além das clássicas referências identitárias, sobretudo para além daquelas a partir das quais a sociedade confere inteligibilidade às práticas e aos comportamentos sexuais:

De imediato tocou na espádua arcaica do peninsular divino, mesmo que o ragazzo não soubesse, não importa, era Deus que ele continha no seu peito arfante, não o Deus que não saía das igrejas mas o Deus que pulsava atrás da calça apertada do ragazzo, o Deus que se aplumava e se punha rígido, colosso! –, o Deus que foi levado pelo escritor porto-alegrense para trás de uma cortina malcheirosa pelo tempo, o Deus que ali se deixou ordenhar como um bovino e que ali se deixou beber não bem em vinho mas em leite que o nosso senhor gaúcho engoliu aos poucos, na carestia da idade, lembrando-se da Primeira Comunhão, terço nas mãos, ar de bem-aventurança – de joelhos olhou o ragazzo como se rezasse pelos mortos seus amigos, por aqueles que não mais podiam aproveitar a vida desse jeito, sentindo o gosto áspero que ele não experimentava havia tanto, gosto desse nobre líquido que corre em seus microfilamentos – vários cavalos no páreo até um ter a sorte ou a infelicidade já não sei de fecundar a vítima (NOLL, 2002, p. 29-30).

A narrativa tece o entrecruzamento de signos ambíguos e incoerentes, admitindo o trânsito, o entrelugar, o não lugar, o fora do lugar. Nisso vemos a abertura de espaços para novas formas de sociabilidade, nas quais se negociam ambigualmente os territórios da conjugalidade, da família e do amor. A esse respeito, convém destacar a amizade de João e Léo:

Eu e Léo porém começávamos a perceber que o desejo em demasia enfraquece, paralisa, e que o melhor mesmo era a paciência, preparar o dia seguinte sem pensar nele como um esposo que necessariamente nos dará mais do que pedimos. O que é que pedíamos, hein? Antes de me responder, se é que chegaria a tanto, Léo corria para atender Sarita que chorava acordando da sesta [...] (NOLL, 2002, p. 93).

Estariamos diante de uma tentativa “de emancipação das normas de representação” (RANCIÈRE, 1996, p. 68) com vistas à criação de modalidades de percepção que celebrem o amor entre homens? Em uma busca de novos modos de pensar os encontros amorosos, de experimentar as fronteiras ambíguas e frágeis desse sentimento – “líquido”, no dizer de Bauman (2004) –, cujas exigências de eternidade não passam de uma forma de imputar violência ao outro? Diante de um jogo do *fort/da*, no qual se ergue o desejo, em vez de rebatê-lo, deslocando-o no tempo, desterritorializando-o, fazendo proliferar suas conexões, fazendo-o passar para outras intensidades? Minha aposta é de que se trata de uma reinvenção das formas tradicionais de comunidade, cujos deslocamentos apontam para uma outra economia, uma outra gramática na qual o dar não pressupõe o receber (DERRIDA, 1991) ou, ao menos, nem sempre o pressupõe. Em outras palavras, uma tentativa de apreender o outro em sua alteridade radical, de reconhecer que somos vulneráveis uns aos outros e de que disso decorre nossa responsabilidade perante o outro.

O desejo de contato e encontro com o outro faz com que João recrie espaços sociais, produzindo novos modos de subjetividade que “se instaura[m] no cruzamento de múltiplos componentes relativamente autônomos uns em relação

aos outros e, se for o caso, francamente discordantes” (GUATTARI, 1999, p. 18). Essas discordâncias também estão representadas nas realidades discrepantes com as quais João se depara em suas viagens pelos Estados Unidos e pela Itália. É na deriva e na instabilidade do desejo como modo de ser e de estar no mundo, ou seja, na precariedade de seus relacionamentos (sejam eles com pessoas, seja com nações) que “surgirá [no protagonista] um desejo de fusão, de comunhão e de comunidade que indicará novos campos da afetividade a serem explorados” (VIDAL, 2007), tornando possível a reinvenção de práticas de solidariedade e de encontro.

É o que vemos na cena final, na qual o narrador relata a comunicação entre ele e Sarita, levada a cabo pelo balbucio. Aí se entrevê a invenção de novas formas de sociabilidade, relacionamento e comunicação, para além das modalidades tradicionais. Na mesma cena, João ainda relata o contato que Sarita faz com outra menina de uma nacionalidade diferente da dela. Impossibilitadas de falar a mesma língua, no sentido estrito do termo, a comunicação entre elas é feita quando Sarita lhe dá um botão que, provavelmente, arrancara de sua própria blusa:

[...] Soltei a mão de Sarita, deixei-a que andasse a caminho da outra. Sarita disse oh, assim mesmo, oh, como se ainda não soubesse falar, virgem de semântica. [...] OH!, como se estalasse o primeiro sentido da espécie, o espanto!, espanto diante do outro com o meu corpo, que podia estar aqui onde eu estou, e eu naquele espaço preciso que ela ocupa agora, oh!, é mais que espanto, ou menos, melhor, bem menos: designa a calma tentação que faz Sarita tirar do bolso um botão perdido, talvez de sua própria roupa, um grande botão vermelho [...] Sarita passava o botão vermelho para a mão da outra menina que olhou pra mim não bem com um sorriso, mas olhou parecendo suspirar pacificada... (NOLL, 2002, p. 103).

Se o estrangeiro é, conforme indiquei, aquilo que arruína a permanência do ser, a identidade já não pode mais se apresentar como um fato, como algo dado, mas tão somente como uma pergunta, uma pergunta para a qual não se tem uma resposta pronta ou definitiva. Para o protagonista, a identidade nunca é totalmente explicável e persiste como um fantasma que acompanha os seus pensamentos e experiências:

[...] quem será esse homem aqui que já não se reconhece ao se surpreender de um golpe num imenso espelho ornado em volta de dourados arabescos, um senhor chegando à meia-idade? (NOLL, 2002, p. 15).

[...] e qual percepção eu poderia ter de mim mesmo naquele vão noturno que quase me engole num repente? Quem me responde, e já, se o fato de eu estar aqui andando pelo bosque em plena madrugada me confere alguma garantia de que eu não seja um outro que de fato sou, um estrangeiro de mim mesmo entre norte-americano (embora pisando em solo italiano)? Sou alguém que se desloca para me manter fixo? (NOLL, 2002, p. 36).

É no recorrente questionamento de sua própria identidade, no movimento incessante de indagar-se a si mesmo o que ou quem ele é, que o protagonista se torna um outro para si mesmo. Sua condição de estrangeiro se insinua nessa capacidade de transformar-se, de construir novos sentidos sobre si mesmo, engajando-se em uma espécie de aventura rimbaudiana do “Eu é um outro”:

Eu [João] era o Berkeley em Bellagio, o bispo e filósofo irlandês em retiro pisan-do em folhas secas, me afastando da janela atrás da qual um pianista moderno e uma mulher vestida de doutora talvez ensaiassem alguma ópera [...] Eu era o Berkeley, o célebre filósofo sensualista que acreditava, dizem, que a substância das coisas dependeria da qualidade da percepção e não da feitiçaria da lingua-gem – e qual percepção eu poderia ter de mim mesmo naquele vão noturno que quase me engole num repente? (NOLL, 2002, p. 35-36).

A valorização do “outro” de seu corpo, daquilo que comumente se coloca sob o nome de abjeto também é uma das facetas de sua condição de estrangeiro. O abjeto que, segundo Kristeva (1990), é da ordem da visceralidade, do que escapa à inscrição simbólica e que, por isso, ameaça a estabilidade da imagem corporal ideal, aparece na valorização de aspectos corporais como o muco, o suor, o es-perma e outros fluidos corporais:

Precisei pensar na casta de Julie Andrews e no circunspecto viúvo Christopher Plummer no quiosque no meio do bosque do tal filme, para aplacar o meu tesão, a baba da cueca, para aplacar o equatoriano que ardia em sua liderança [...] (NOLL, 2002, p. 43).

[...] me coço todo como sempre faço em situações assim, tenho ainda meus ovos, apalpo-os, arregajo meu prepúcio, mostro minha glande para essa escuridão formidável, medieval, meu pau expele um cheiro desagradável de graxas subs-tâncias, fede, sim [...] (NOLL, 2002, p. 51).

Só tinha uma coisa a fazer com ela [foto]: apertá-la, apertá-la o suficiente até torná-la uma coisinha ínfima. E enfiar-a sem dor pelo cu. Ali ela ficaria enquan-to eu não cagasse, enquanto eu não cagasse ela ficaria como a memória subter-rânea de uma tarde de verão em Porto Alegre, não tanto da caminhada em si, mas de uma luz escaldante que não quer passar, tão forte quanto o súbito inglês dentro de mim (NOLL, 2002, p. 56).

Disso decorre a emergência de uma consciência mais fenomenológica, corpo-ral, isto é, não ancorada no *cogito* cartesiano. Os personagens de *Berkeley em Bellagio* e, em especial, o narrador-protagonista não estão interessados em bus-car o sentido último das situações que se lhes apresentam como “estranhas”, mas de utilizá-las como ponto de partida para a intensificação de relações so-ciais e para a exploração de mundos improváveis, haja vista que não há por parte dos personagens uma busca de uma narrativa coerentemente orientada por um senso de história:

Que importância teria a decifração do mundo para quem queria só voltar para casa de onde talvez nem precisasse ter saído? Que importância teria a semânti-ca da prosa mais esclarecida a quem só ansiava se abraçar ao seu quintal? Que importância isso teria quando ele já fosse apenas um punhado de cinzas em meio à terra que por certo nunca mais o moldaria em carne? (NOLL, 2002, p. 32).

Trata-se da busca de novos núcleos a partir dos quais se possa estabelecer outras formas de encontro e de contato com o outro. São relações que se desen-volvem fora dos quadros normativos, de onde decorre a potencialidade para criação de entrelugares, de formas intersticiais de subjetivação nas quais se entreveem atitudes transgressoras:

[...] os dois de novo ali, no silêncio do bosque de Berkeley, sem que nenhuma emissão anglófona alcançasse a aura palpitante do encontro, penumbrosa, esquecida, a ponto de se sentirem fora da férrea geografia com suas leis pesadas de idiomas, nacionalidades, vistos, retaliações. Os dois numa intimidade tão independente de outros laços que se sentiam à beira de tudo ou quase, até do gesto mais sinistro, a tal ponto que preferiram enfim aproximar-se, não exatamente um do outro, mas de um núcleo qualquer onde pudessem reatar em paz o compromisso com as coisas. Tocaram-se, mas já não se lembravam a propósito do que deveriam falar. Se falar naquele instante pressupunha, como parecia, uma animação até a extremidade de algum entendimento, se falar fosse sinônimo disso tudo, ah, eles os dois não queriam mais. Se tocaram, gelados. Nenhum burburinho em volta, nenhum sure, of course, I did, now. Eles habitavam no momento um outro reino [...] (NOLL, 2002, p. 15-16, grifo nosso).

Convém, entretanto, dizer que, embora a condição de estrangeiro possa representar o início de novas formas de encontro e de relação, tendo em vista que nisso está o índice de uma recusa em estabelecer padrões identitários fixos, nela também está implicada a inevitabilidade do trabalho e da dor. Conforme adverte Freud (1974, p. 33) em *O mal-estar da civilização*, o sofrimento nos ameaça de três direções:

[...] de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens.

A essas observações Freud acrescenta que o sofrimento que provém da última fonte é talvez mais penoso que qualquer outro. Ora, na produção de si o outro é-nos imprescindível. O outro que me precede e me excede, causando-me medo, estranheza e desconforto, é também o início para transformações, para a construção de projetos comuns e, em muitas circunstâncias, inesperados e imprevisíveis. Segundo Emmanuel Lévinas (2003), o questionamento de si é precisamente o acolhimento do absolutamente outro, isto é, o Eu põe-se em movimento para o Outro, de maneira a comprometer a soberana identificação do Eu consigo mesmo, cuja necessidade não é mais que nostalgia e que a consciência da necessidade antecipa. Assim, o movimento para o outro, em vez de me completar ou contentar, implica-me numa conjuntura que não me concernia e deveria deixar-me indiferente. Por isso, relacionar-se com o outro é responder ao seu chamado, à inevitabilidade de sua presença questionadora. Mas a pergunta primeira em relação ao outro é nossa ou do outro? Acolher o outro é ouvir sua questão, cuja formulação deve ocorrer na nossa própria língua ou na língua dele? Disso nasce a figura do estrangeiro, a respeito da qual Derrida (2003, p. 11) nos convida a pensar:

A questão do Estrangeiro não é uma questão de estrangeiro? Vinda do estrangeiro? Antes de formular a questão do estrangeiro, talvez seja necessário precisar: questão do estrangeiro [...] Como se o estrangeiro fosse, primeiramente, aquele que coloca a questão ou aquele a quem se endereça a primeira questão. Como se o estrangeiro fosse o ser-em-questão, a própria questão do ser-em-questão, o ser-questão ou o ser-em-questão da própria questão.

Por isso, do jogo de aproximação/evitação³ – próprio de sua condição de estrangeiro –, o protagonista deixa, por exemplo, entrever sua ambivalência e sua dificuldade inicial em lidar com a língua inglesa. O que o conduz a questionamentos a respeito dos limites de sua própria língua:

E se lhe viesse uma risada que pudesse por si só responder a tudo o que ele não sabia perguntar (e que parecia prendê-lo no mesmo lugar)? Mas, não, agora se coçava todo, na certa esconjurando uma espécie de dívida que nunca quis largá-la – porra, ele dizia, porra, mas porra para quem? Falava com o Brasil ou com aquela porção sombria de natureza a lhe servir então como uma espécie de refúgio contra a língua inglesa? (NOLL, 2002, p. 10).

E, mais adiante, depois de sua passagem pelos Estados Unidos, João narra seu envolvimento com a língua inglesa, cujo caráter traumático é destacado:

Quando chegasse a Porto Alegre iria para um curso de português para estrangeiros no meu próprio torrão natal, isso acontece nesses dias, um cidadão qualquer se impregna de uma forma tão fulminante da língua de outro povo, que tal marco traumático faz com que esqueça completamente a sua língua de nascença (NOLL, 2002, p. 82-83).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até aqui *Berkeley em Bellagio* foi discutido, principalmente, a partir da noção de estrangeiro, cujo propósito foi apontar a complexidade do significado e da importância dessa categoria para a compreensão do modo de inserção do sujeito no mundo pós-moderno. Cabe ainda ressaltar que, ao articulá-la a outros conceitos como o de identidade, sobretudo sexual, meu objetivo foi mostrar como o conceito de estrangeiro pode ser uma ferramenta profícua para se pensar e problematizar os impasses da pós-modernidade, uma vez que tais impasses estão relacionados, especialmente, ao esgotamento e à insuficiência de categorias como identidade, razão, verdade etc. Ou, ainda, ao fim dos “*grands récits*”, para retomar a expressão cunhada por Jean-François Lyotard (1986).

É no jogo de suspensão das coordenadas ordinárias da experiência sensorial – isto é, na (re)(des)estruturação das redes de afinidades entre espaços e tempos, sujeito e objeto, universal e singular – que a narrativa se abre para a problematização de questões relacionadas à representação da alteridade e à construção social da diferença. Assim, a estética se torna o lugar de emancipação das normas de representação e, como consequência, das mutações das formas de percepção e de organização da realidade. Ou, em termos mais precisos, observa-se uma contestação das categorias que, como estruturas estruturantes das formas cotidianas de percepção, delimitam posições e modelos identitários *a priori*. Nesse sentido, o romance rompe com os lugares preestabelecidos, reconfigurando os espaços sociais e deslocando práticas e desejos do lugar que lhes fora designado. Em outras palavras, “faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha barulho, faz ouvir como discurso o que só era ouvido como barulho” (RANCIÈRE, 1996, p. 42).

3 É interessante notar que esse elemento como constituinte da condição de estrangeiro é destacado desde uma das primeiras contribuições sociológicas a respeito do assunto (cf. SIMMEL, 1990).

Por fim, cabe dizer que, embora a pós-modernidade nos tenha imposto, dada certa proliferação e exaltação da diferença, uma constante sensação de que somos estrangeiros em nosso próprio país ou em nossa própria língua, o desejo de contato é uma das grandes forças capazes de fazer surgir novas formas de comunicação e de relação com o outro, não mais fundadas em sistemas identitários limitadores, mas em sistemas que valorizem a autonomia do processo criador e que restaurem a realidade em toda a sua complexidade. Nesse sentido, a condição de estrangeiro que poderia parecer, à primeira vista, um impasse para se comunicar e se relacionar com o outro, pode dar origem a novas redes de relações sociais e, como consequência, a descoberta de mundos improváveis, de mundos a serem explorados.

UNKNOWN STRANGERS: THE IDENTITY TRAFFIC IN JOÃO GILBERTO NOLL'S *BERKELEY EM BELLAGIO*

Abstract: This paper takes João Gilberto Noll's narrative *Berkeley em Bellagio* as a starting point to discuss the conflicts/possibilities of the postmodern condition through a look on the characters in the story. To accomplish this, identity is shown as a site that questions traditional forms of sociability and politics, giving way to new forms of existence and subjectivity.

Keywords: João Gilberto Noll. *Berkeley em Bellagio*. Identity.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- BIRMAN, J. *Por uma estilística da existência: sobre a psicanálise, a modernidade e arte*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- BUTLER, J. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DERRIDA, J. *Donner le temps*. Paris: Galilée, 1991.
- DERRIDA, J. *Da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. São Paulo: Papirus, 1999.
- KRISTEVA, J. Le sujet en procès. In: KRISTEVA, J. *Polylogue*. Paris: Éditions du Seuil, 1974.
- KRISTEVA, J. *Étrangers à nous-mêmes*. Paris: Fayard, 1988.
- KRISTEVA, J. *Pouvoirs de l'horreur: essai sur l'objection*. Paris: Éditions du Seuil, 1990.

- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. p. 96-103.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LÉVINAS, E. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LYOTARD, J.-F. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- NOLL, J. G. *Berkeley em Bellagio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- RANCIÈRE, J. *O descentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- SIMMEL, G. The stranger. In: SIMMEL, G. *On individuality and social forms*. Chicago; London: University of Chicago Press, 1990.
- VIDAL, P. Performance e homoafetividade em dois romances de João Gilberto Noll. *E-Misférica: Performance y Política en las Américas*, v. 4, n. 1, 2007.

Recebido em junho de 2010.
Aprovado em janeiro de 2012.